

O EVANGELHO DE LUCAS: INTRODUÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DA MISSÃO

Vicente Artuso¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma introdução teológica e pastoral do Evangelho de Lucas. Além dos elementos comuns: autor, composição, objetivos, características literárias, destaca a mensagem teológica centrada na pessoa de Jesus e sua missão. Ele é salvador, profeta, libertador dos pobres, revelador da misericórdia do Pai. O Evangelho mostra a história da Salvação na história de Jesus, o que ele fez e ensinou. O método de Jesus anunciar a Palavra revela a necessidade de aproximar-se das pessoas, caminhar com elas, e atualizar as Escrituras na vida. A Palavra faz caminhada no testemunho da comunidade que se une e cria relações baseadas na misericórdia a exemplo de Jesus.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelho; Jesus; Relações; Caminhada

ABSTRACT

This article presents a theological and pastoral introduction to Luke's Gospel. Besides the common elements; the author, the composition, aims and literary characteristics, it points out the theological message centered in the person of Jesus and his mission. He is the savior, prophet, rescuer of the poor, who reveals his Father's mercy. The gospel shows the history of salvation in the story of Jesus, in what he did and taught. Jesus' method in proclaiming the Word reveals the necessity of approaching people, walking with them, and realising the scriptures in daily life. The Word traverses the community's testimony, which unites and creates relations based on mercy exemplified by Jesus.

KEYWORDS: Gospel; Jesus; Relations; Walking

Introdução

Sabemos, conforme Sabourin, que:

os evangelistas não foram apenas simples compiladores, mas verdadeiros autores que de uma forma coerente exprimem seus pontos de vista na escolha e interpretação dos dados da tradição. Isto é verdade particularmente para o Evangelho de Lucas que é ao mesmo tempo intérprete inspirado da pessoa e da obra de Jesus e um historiador da Igreja primitiva (SABOURIN, 1987, p.13).

¹ Doutor em Teologia Bíblica. Professor adjunto II do Mestrado em Teologia da PUC/PR em Curitiba -PR e na graduação em teologia em Londrina-PR. E-mail: vicenteartuso@gmail.com

Por sua linguagem e estilo o Evangelho de Lucas pertence ao mundo helenístico. É a esse mundo que o autor do Evangelho quer apresentar Jesus, tudo o que Ele fez e ensinou. No seu segundo livro, os Atos dos Apóstolos (cf. Lc 1,1-4; At 1,1-3) Lucas relata a prática dos apóstolos bem como a pregação realizada por eles nos inícios da Igreja. A Palavra faz caminho na vida da Igreja, e se expande mediante o testemunho, a pregação e ensino da Palavra. O tema do mês da Bíblia na Igreja Católica em 2013 foi o estudo do Evangelho de Lucas na perspectiva da missão: *Discípulos Missionários a partir do Evangelho de Lucas*. Nesse contexto, esta pesquisa pode contribuir ao oferecer uma introdução de cunho teológico e pastoral, destacando o específico da teologia lucana: a missão de salvar o que estava perdido.

1 Origem e formação do Evangelho

Nesta primeira parte do artigo, esboçamos quatro elementos da formação do Evangelho de Lucas, que são: dados sobre o autor; sua composição; principais objetivos; características literárias.

1.1 Autor

O terceiro evangelho é uma obra anônima e não se encontra no texto indicação sobre a identidade do autor. Diferente dos outros Evangelhos, Lucas é o único evangelho cujo autor se manifesta pessoalmente por um “eu” e expõe sua intenção literária mediante um prefácio no seu primeiro livro, o Evangelho e no seu segundo livro, os Atos dos Apóstolos (cf. Lc 1,1-4; At 1,1-4) (cf. MARGUERAT, 2009, p.107; BOVON, 2005, p. 39). De fato, o nome dos autores dos Evangelhos nos títulos só vai aparecer a partir do século II. Mais precisamente o título *euangelion kata Lourkan* (Evangelho segundo Lucas), encontra-se no papiro 75 datado do ano 175-225, o chamado papiro Bodmer. Até esta época se conhecia mais “o Evangelho de Jesus Cristo” ou “o Evangelho de Deus” termos muito presentes nas cartas de Paulo escritas bem antes dos Evangelhos.

Temos indicação no texto de que o autor não foi testemunha ocular do ministério de Jesus pois antes de compor a obra ele recebeu informações de testemunhas

oculares e ministros da Palavra (cf. Lc 1,2). Trata-se de um cristão bastante instruído, certamente de segunda e terceira geração. Algumas seções narrativas dos Atos dos Apóstolos escritas em primeira pessoa do plural, "nós" (cf. At 16,10-17; 20,5-15; 21,1-18; 27,1-28,16) indicam que o autor do Livro dos Atos dos Apóstolos acompanhou Paulo durante certos períodos de sua atividade missionária (cf. FITZMEYER, 1986, p. 71-78).

No Novo Testamento, mencionam-se três vezes o personagem Lucas. Em Fm 24 aparece como companheiro de Paulo. Em Cl 4,14 é chamado de "querido médico". Em 2Tm 4,11, Paulo o menciona como "o único que está comigo". Segundo Spinetolli, é possível que a atribuição do terceiro evangelho a Lucas teve a finalidade de dar credibilidade apostólica à obra recorrendo a um personagem conhecido da Igreja primitiva. O mesmo deve ter ocorrido por exemplo com a carta aos Efésios, 1 e 2 Timóteo, atribuídas a Paulo após a sua morte e as cartas de Pedro escritas por volta do ano 100 atribuídas ao apóstolo Pedro.

Existe uma clara relação entre o terceiro evangelho e Atos. O autor do livro dos Atos não só se refere ao evangelho como o seu "primeiro livro" que resume numa frase curta "tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar", mas dedica esta segunda obra ao mesmo personagem, Teófilo (cf. At 1,1; Lc 1,3). A promessa do dom do Espírito em Jerusalém é feita em Lc 24,49 e reforçada em At 1,4.8. E a descrição do livro dos Atos apresenta a realização efetiva do programa anunciado em At 1,4.8: primeiro, a espera em Jerusalém At 1,12-26; segundo, a recepção do Espírito (cf. At 2), e o exercício da missão (cf. At 3-28).

1.2 Composição

A hipótese tradicional coloca a composição do terceiro evangelho entre os anos 60 e 70, opinião baseada nos testemunhos de S. Irineu e S. Jerônimo. Segundo a crítica moderna a data mais provável é entre os anos 85 e 90. Desse modo se explica os muitos autores intermediários "que tentaram escrever a história dos acontecimentos" (Lc 1,1). Segundo Kummel, na sua Introdução do Novo Testamento (cf. KUMMEL, 1982, p. 188), coloca o espaço de composição do Evangelho entre 70 e 90. Foi redigido provavelmente em uma cidade grande, fora da Palestina, marcada pela cultura grega e

ligada à estrutura do império romano. Na verdade não há uma tradição muito antiga quanto ao local da composição. Alguns estudiosos pensaram em Cesaréia, Antioquia, Acaia, Decápole, Ásia Menor, Roma. Como ponto de referência escolhemos a cidade de Éfeso, da qual os Atos dos Apóstolos oferecem uma série de informações significativas (cf. MOSCONI, 1991, p. 23).

Lucas dispõe de testemunhas de viva voz (cf. Lc 1,1-4). Entre as fontes, destacam-se a do grupo das mulheres que seguem o Senhor: Maria de Magdala, Joana, Susana e outras (cf. Lc 8,1-3); Maria e Marta, irmãs de Lázaro, sempre solícitas em receber o Senhor (cf. Lc 10,38-42); a pecadora anônima de Jerusalém (cf. Lc 23,27-31); e aquelas que presenciaram a crucifixão e as testemunhas da ressurreição (cf. Lc 23,55-24,11). Dentre todas destaca-se Maria, a mãe de Jesus que guardava todas as coisas meditando-as em seu coração (cf. Lc 2,19.51). Além dessas vozes, o autor serviu-se de fontes escritas principalmente o Evangelho de Marcos. O autor utilizou alguns trechos de Marcos, dando-lhes a marca de seu estilo, de suas preferências espirituais, de seu caráter mais culto e mais fino. Os trechos mais importantes paralelos com Marcos são três:

Primeiro, Lc 4,14-6,19 paralelo a Mc 1,14-3,19: Eis os principais fatos: Começo da pregação na Galileia (visita a Nazaré), Jesus em Cafarnaum, vocação dos primeiros discípulos, os primeiros milagres, as disputas com os adversários, a vocação dos Doze. Segundo, Lc 8,4-9,50 paralelo a Mc 4,1-44 e 8,27-9,41: Narra-se a atividade na Galiléia; Lucas não menciona aquela realizada fora dos limites da Galiléia (cf. Mc 6,45-8,26). Para Lucas Jesus não sai da Galiléia a não ser para ir a Jerusalém. Terceiro, Lc 18,15-21,38 paralelo em parte a Mc 10,13-13,37: São os fatos conclusivos da grande viagem da paixão a começar das portas de Jericó até a chegada de Jesus ao templo, abrangendo os choques finais com os opositores e as instituições religiosas.

As partes próprias de Lucas são a infância de Jesus (cf. Lc 1-2), polarizada sobre o menino e sua mãe, razão pela qual o personagem principal é Maria. Além disso, é típica deste Evangelista a longa viagem de Jesus a Jerusalém (cf. Lc 9,51-18,14). Nela, encontram-se trechos próprios e exclusivos de Lucas.

1.3 Objetivos

Quanto ao objetivo e estrutura do Evangelho de Lucas, vale ressaltar que é o único dos quatro evangelistas a iniciar seu livro com um prólogo (cf. Lc 1,1-4) no qual explica seu objetivo e o método seguido para levá-lo a termo. Como vimos no início do livro dos Atos, um segundo prólogo mais breve, referir-se-á ao primeiro (cf. At 1,1-2). No prólogo, Lucas anuncia que "vai falar de fatos que se cumpriram entre nós", isto é a vida de Jesus, o que fez e ensinou. Ele não é o primeiro a tratar deste assunto: antes dele outros já trataram. Ele se apóia na tradição daqueles que "desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra". Em seguida vem a indicação do método: informou-se cuidadosamente e esforçou-se por escrever "com ordem".

Finalmente, Lucas dedica seu livro a Teófilo (cf. Lc 1,3). Teófilo não era evidentemente o único destinatário: Lucas tinha em vista um público bem vasto. Talvez poderia ser útil colocar a obra sob o patrocínio de alguém altamente situado, o que facilitaria a sua difusão. Este prólogo é um indício entre outros do caráter helenístico da obra de Lucas. Ele escreve para o mundo grego de seu tempo e se apresenta como um historiador da época, com sua referência aos seus antecessores, com sua pesquisa das fontes e com sua preocupação de ordem na exposição (cf. GEORGE, 1982, p.8).

Importante considerar que no tempo em que o Evangelho foi escrito, a pregação evangélica fizera uma longa caminhada. A geração de Cristo desaparecera e, também, as testemunhas mais qualificadas da era apostólica. Começaram a surgir complicações internas, por motivo das livres interpretações da mensagem recebida (cf. At 20,29-30). Por isso, era importante voltar às origens do cristianismo recolhendo os testemunhos para oferecer uma base mais segura do conteúdo da fé cristã. A intenção do livro é, antes de tudo, pastoral e catequética. No decorrer do texto são frequentes os conflitos entre cristãos e judeu-cristãos. Por este motivo, o evangelho foi escrito também para defender o cristianismo dos ataques do judaísmo ou dos cristãos de tendência farisaica. Era preciso sustentar a liberdade do cristianismo frente ao judaísmo com uma exposição ordenada do que Jesus fez e ensinou (cf. SPINETOLI, 1986, p.14-15).

No Evangelho de Lucas se encontram oito grandes partes, geralmente aceitas pelos comentaristas modernos, que são: primeira, Lc 1,1-4, *Prólogo*, é uma declaração das intenções do autor. Lucas manifesta o que pretende com sua narração do que Jesus fez e ensinou: um relato fiel com uma dedicatória a Teófilo. Segunda, Lc 1,5-2,52, *Relatos da infância*, narração em paralelismo do nascimento e infância de João Batista e de Jesus. Terceira, Lc 3,1-4,13: *Preparação do ministério público de Jesus*, pregação de João Batista, sua prisão, o batismo e tentação de Jesus como preparação do seu ministério. Quarta, Lc 4,14-9,50, *Ministério de Jesus na Galiléia*, vocação e preparação dos discípulos que serão, mais tarde, os continuadores da obra do mestre; ponto de partida do grande êxodo de Jesus.

A quinta grande parte corresponde, por sua vez, Lc 9,51-19,27, *Relato da viagem de Jesus para Jerusalém*, típica apresentação lucana do êxodo de Jesus como um grande relato de viagem; ocupa a parte central do evangelho (cf. Lc 9,51-18,14); alude-se a narração da viagem a Jerusalém, tomada dos outros sinóticos (cf. Lc 18,15-19,27). Sexta, Lc 19,28-21,38, *Ministério de Jesus em Jerusalém*, a entrada triunfal em Jerusalém marca o começo do seu ministério no templo. Começa o processo que irá por fim à vida terrena de Jesus. Sétima, Lc 22,1-23,56a, *Relato da paixão*, ponto alto do êxodo de Jesus, na morte coroada depois pela ressurreição começa a ascensão de Jesus ao Pai. Oitava, Lc 23,56b-24,53, *Relatos de ressurreição*, exaltação de Jesus e sua própria glorificação. Envio dos seus discípulos como testemunhas de sua pessoa como salvador, enquanto Jesus sobe até o Pai (cf. FITZMEYER, 1986, p. 128).

1.4 Características literárias

Muitos estudos foram realizados sobre as características literárias do terceiro evangelho. Apresentaremos as que julgamos mais importantes:

a) O emprego do Antigo Testamento:

Lucas faz referência ao Antigo Testamento por simples alusão, ao contrário de Mateus que traz citações explícitas da Escritura. Mesmo assim o evangelista sabe fazer um emprego pessoal dos textos tradicionais para alcançar seus objetivos. Em Lc 3,4-6

ele alonga a citação de Isaías para que se inclua a declaração: “e todos verão a salvação de Deus”; em Lc 4,19 ele abrevia a citação para excluir “um dia de vingança do nosso Deus”(Is 61,2), pouco apropriado ao conceito cristão de salvação. O evangelista revela uma liberdade muito grande no uso da Escritura: em Lc 20,18 ele cita aparentemente como Escritura sua própria declaração com ligeira semelhança a Is 8,14-15 e Dn 2,44. Lucas cita normalmente o Antigo Testamento grego e não parece ter um conhecimento direto do texto hebraico. Luca elimina o quanto possível expressões hebraicas e aramaicas como: *abba*, *hosana*, *talitha kumi* (cf. Mc 5,41), *ephata*, *corban* (cf. Mc 7,11.34), e também *Eloi Eloi lama sabachthani* (cf. Mc 15,34). Evita também de falar de *Gethsémani* e *Golgota*, mas conserva certas palavras como *mamon*, *Beelzéboul*, *sabbat*, *Satan*, e *géhenna* (cf. Lc 12,5). A palavra hebraica *Amém* aparece apenas 5 vezes enquanto em Mc aparece 13 vezes e Mt 30 vezes (cf. SABOURIN, 1987, p.23-24).

b) A viagem para Jerusalém:

Lucas organiza os dados da tradição na forma de uma grande viagem para Jerusalém (cf. 9,51-19,28) que se divide em três seções abertas pelas notícias de viagens para Jerusalém (cf. 9,51; 13,22; 17,11) e encerradas com as parábolas de 13,18-21; 17,7-10; 19,11-28 (cf. GEORGE, 1982, p. 8)

Na opinião de Sabourin, embora se encontrem menções explícitas da subida de Jesus para Jerusalém (cf. Lc 9,51.53; 13,33; 17,11; 18,31; 19,28), há poucas menções geográficas indicando que o grupo de fato se dirige para Jerusalém. (cf. SABOURIN, 1987, p. 17). No final parece mais clara a proximidade de Jerusalém ao falar da cura do cego de Jericó (cf. 18,35-43) e do episódio de Zaqueu (cf. 19,1-10), onde ao menos é mencionado um lugar Jericó que indica a direção para Jerusalém. Em seguida num curto espaço de tempo vem mencionado Betfagé, monte das Oliveiras, vista de Jerusalém, descida do monte das Oliveiras, entrada no templo. A subida para Jerusalém deve ser compreendida na perspectiva da paixão de Jesus, com alusão aos sofrimentos de Cristo (cf. Is 50,7). Interessante observar na divisão do terceiro evangelho como as seções terminam com a clara referência à Jerusalém: No relato da infância (cf. Lc 1-2), termina com o fato de Jesus aos doze anos se encontrar no templo; Na preparação do ministério de Jesus (cf. Lc. 3,1-4,13), à diferença dos outros evangelhos, a última tentação de Jesus

acontece no pináculo do templo em Jerusalém. A caminhada para Jerusalém vem acentuada pelo fato do Evangelista eliminar quase por completo as saídas de Jesus em território pagão (cf. Mc 7,24-8,10). Pelo enorme desenvolvimento da viagem (10 capítulos, enquanto em Mc são apenas 3) e pela eliminação das aparições pascais na Galiléia (cf. Lc 24,6 com Mc 16,7); vemos como o autor sublinha a centralidade do fato salvífico que se cumpre em Jerusalém na paixão e ressurreição de Jesus. Sublinha também a continuidade do fato salvífico em parte com as promessas do Antigo Testamento ligadas à cidade santa, e com a vida da Igreja primitiva que terá em Jerusalém a sua origem e desenvolvimento (cf. FUSCO, 1989, p.847-848).

c) A objetividade da linguagem e os recursos literários

Como nos referimos na introdução, o autor do terceiro evangelho se serviu de fontes de informação (cf. Lc 1,1-4), e que investigou tudo desde o princípio (cf. Lc 1,3). Ele tem interesse de compor uma história dos fatos. Por isso, Lucas abre o ministério de João Batista e de Jesus com um quadro cronológico (cf. Lc 3,1-2) unindo a história civil com a história da salvação. O autor sabe, como historiador, que não é possível ser preciso em todos os dados, daí seu cuidado de não usar exatidão no tempo: Lc 1,56 (cerca de três meses), Lc 3,23 (cerca de trinta anos), Lc 9,14 (cerca de cinco mil), Lc 9,28 (cerca de oito dias). Num e noutro caso Mc e Mt usam cifras claras. Mc 4,35 (naquele mesmo dia) é modificada em Lc com : "em um daqueles dias" (Lc 8,22). Mesmo não sendo um palestinese, Lucas é preciso em algumas notícias geográficas. Cafarnaum é uma cidade da Galiléia (cf. Lc 4,31); o mar da Galiléia é chamado de "lago" (Lc 5,1; 8,23) (cf. SPINETOLI, 1986, p. 15). No terceiro evangelho episódios posteriores são às vezes insinuados por anteriores: Lc 1,80 ("João permaneceu na solidão até o dia em que se manifestou diante de Israel") prepara Lc 3,3 ("João percorreu toda a região do Jordão, pregando um batismo de penitência"); Lc 4,13 ("O demônio se afastou de Jesus, para voltar no tempo marcado") antecipa 22,3 ("Satanas entrou em Judas, chamado Iscariotes").

Lucas geralmente combina duas figuras a representar atitudes ou sentimentos opostos, o que revela o esmerado gosto literário do autor: No anúncio do anjo Gabriel, Zacarias se mostra incrédulo e por isso perde a fala, enquanto Maria acolhe o anúncio do anjo com toda fé (cf. Lc 1,11-22 e 1,26-38); duas irmãs, Maria se dedica ao único

necessário e Marta se dispersa atarefada (cf. Lc 10,38-42); dois homens oram no templo, um fariseu soberbo e outro publicano humilde (cf. 18,9-14); dois ladrões cercam Jesus crucificado comportando-se diversamente (cf. 23,39-43).

Como Mateus, Lucas também omite palavras ofensivas contidas no texto de Marcos: a cura de "muitos" em Mc (cf. 1,34; 3,10) torna-se a cura de "todos" em Lc (cf. 4,40; 6,19); estados emocionais de Jesus são omitidos (cf. 6,10; 18,22 contra Mc 3,5; 10,21); do mesmo modo a explicação dos familiares de Jesus, segundo os quais ele teria enlouquecido (Mc 3,20), e a cura mediante o contato físico (cf. Lc 4,39; 9,42 contra Mc 1,31; 9,27) não são mencionados; a exclamação de Jesus, "meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Mc 15,34) é substituída por "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23,46) (cf. KUMMEL, 1982, p. 171). Lucas omite repetições: fala somente de uma multiplicação dos pães (cf. 9,10-17).

Em geral, os traços mais duros e severos da catequese anterior são omitidos por Lucas: A frase final da profecia de Isaías "[...] jamais se convertam e lhes sejam perdoados os pecados"; (cf Mc 4,12 e Lc 8,10); as palavras proferidas sobre Judas: "Melhor fosse para esse homem não ter nascido" (Mt 26,24 e Lc 22,21-23); os escarros infligidos a Jesus pelos guardas do sinédrio (cf. Mc 14,65; Mt 27,67 e Lc 22,63s); a flagelação e coroação de espinhos (cf. Mc 15,15-20 e Lc 23,23s). Jesus logo no início se vê como o Messias (cf. Lc 4,21), e, por isso, já o Jesus terreno é chamado de "Senhor" por Pedro (cf. Lc 5,8), e durante a narração é chamado frequentemente de "Senhor" pelo evangelista (cf. Lc 7,13; 10,1.41; 22,61). Com isso ensinar que a atividade de Jesus inaugura aqui e agora o tempo da salvação (cf. Lc 19,9).

d) Insistências no Evangelho de Lucas

Aparecem insistência sobre certos temas. primeiro, a palavra "cidade" aparece 40 vezes (26 vezes em Mt, 8 em Mc) É nas cidades que Jesus anda muito, prega, cura (cf. Lc 4,43; 10,1; 9,51; 13,34; 23,1-5); segundo, os contrastes sociais principalmente entre poderosos e humildes (Lc 1,51-53), ricos e pobres (cf. Lc 6,20-26; 16,19-21; 21,1-4; 12,16-20); terceiro, As multidões: aparece 39 vezes (cf. Mt 33; Mc 31), povo: 46 vezes (Mt 32; Mc 13); quarto, Lucas fala muito da palavra "Hoje" (cf. Lc 2,11; 4,21; 5,26; 13,33; 19,5.9.43; 23,43).

e) A comunidade cristã de Lucas

A nota que caracteriza as comunidades cristãs de Lucas são a nível externo as perseguições e a nível interno o enfraquecimento do fervor e entusiasmo da fé cristã. Isso aparece em Lc 21,12: "vão de vos prender, de vos perseguir, de vos entregar às sinagogas e às prisões [...]" O texto retrata situações históricas de conflitos e perseguições pelo poder político no tempo do imperador Tito (79-81) e Domiciano (81-96). A comunidade é sofrida e nela se encontram pessoas indefesas: os pobres, os humildes, as mulheres, os pastores. Os pobres do evangelho de Lucas são uma designação global que inclui os cegos, os doentes, os coxos e aleijados, as viúvas, os aflitos, os excluídos, isto é os samaritanos, os leprosos, todos chamados a ocupar os primeiros lugares no reino. Eles acolheram a Boa Nova para fugir da marginalização social, mas não encontraram a paz e o bem estar que desejavam. Jesus veio proclamar um ano da graça do Senhor (Lc 4,19), esperado por todos.

O contraste entre pobres e ricos muito claro em Lc 6,20-26, reflete o conflito entre os cristãos e os "senhores", os fortes e bem sucedidos da época. A mesma situação aparece em Lc 16,19-21 onde uma minoria de ricos esbanja seus bens e uma maioria de pobres vive de esmolas. Esta situação social é bem retratada pelo autor também no canto de Maria (cf. Lc 1,51-53), na triste história de um rico fazendeiro (cf. Lc 12,16-20), na conversão de Zaqueu (cf. Lc 19,1-9), na pregação de João Batista (cf. Lc 3,10-14) e na maneira de apresentar os banquetes (cf. Lc 14,15-24) (cf. MOSCONI, 1991, p.31).

Os obstáculos das perseguições dos cristãos deveriam ser muito graves a ponto de causar desânimo e apostasia da fé (cf. Lc 12,4-12). Não faltam também a pressão dos fariseus convertidos à fé cristã (cf. At 15,5) que tentam colocar sua mentalidade conservadora sobre os convertidos do paganismo e do judaísmo. Tanto o espírito farisaico como o espírito de poder que perturba a comunidade são reprovados duramente (cf. Lc 11,37-54).

A comunidade ideal apresentada nos Atos (cf. At 2,42-47; 4,32-34) é uma realidade ainda distante à ser alcançada. As lideranças são cegas e incompetentes (cf. Lc 6,39), preocupadas apenas com pequenas falhas dos irmãos. A parábola das duas árvores (cf. Lc 6,43), dos dois tesouros que tomam posse do coração (cf. Lc 6,45), das duas casas, retrata as diferentes situações comunitárias. A busca dos primeiros lugares

(cf. Lc 22,24-30); a falta de disposição de acolher a palavra de Deus pregada (cf. Lc 8,8-15), o perigo das riquezas, da ganância (cf. Lc 12,33-34) que gera desigualdades sociais como já nos referimos, é uma realidade retratada pelo evangelho na história do rico e do pobre Lázaro (cf. Lc 16,19-31) e na história do jovem rico (cf. Lc 18,18-30). Constatase, inclusive, que Lucas fala muito em *multidões* e *povo*. Multidões: Lucas 39 vezes; Mateus 33 vezes; Marcos 31 vezes. Povo: Lucas 46 vezes; Mateus 32 vezes; Marcos 13 vezes. Essas multidões eram um povo doente (cf. Lc 5,15; 6,18-19), marginalizado e pecador (5,29-30), sedento de justiça e de um mundo novo (cf. 6,17-18; 9,11). Lucas fala muito em *pão*, *comida*, *banquete*, *fome* (cf. Lc 4,25; 6,21; 6,25; 14,1; 14,12-15; 15,14; 15,17; 15,23; 16,19-21; 21,11) o que revela que ele estava preocupado com a fome do povo, porque havia acumulação (cf. 12,16-19), exploração e roubo (cf. 19,1-8). Ao dar grande atenção às mulheres (cf. 7,11-17; 7,36-50; 8,1-3; 8,43-56; 10,38-42), o autor revela que na situação da comunidade devia haver desprezo e marginalização da mulher e ao mesmo tempo devia haver mulheres marcando significativa presença nas comunidades (cf. MOSCONI, 1991, p.31-32).

A comunidade dos cristãos é um pequeno rebanho (cf. Lc 12,32), um convite de amigos, de iguais (cf. Lc 14,1-14), também de pecadores que desejam a conversão (cf. Lc 5,31; 7,34). As parábolas da misericórdia valem não tanto para os estrangeiros, quanto para os próprios irmãos na fé (cf. Lc 15,1-32). Na comunidade acontecem escândalos (cf. Lc 17,1-3), arrogâncias (cf. Lc 17,7-10), ingratidões (cf. Lc 17,11-19), mas a comunidade é sempre lugar de acolhida de irmãos, de amigos, de santos (cf. SPINETOLI, 1986, p.34-37).

2 A mensagem teológica de Lucas

Na segunda parte, explicitamos a mensagem teológica lucana a partir dos seguintes pontos: Jesus, sua identidade e missão; o caminho de Jesus, o caminho dos discípulos; a bondade e compaixão de Jesus; Jesus, uma pessoa de muita ação e de muita oração; sugestões para o estudo de Lucas.

2. 1 Jesus, sua identidade e missão

a-Jesus de Nazaré é o Senhor

O título *Senhor* é tradução feita pela Setenta do tetragrama sagrado pronunciado pelos judeus com *Adonai*. Este título é usado na comunidade pós-pascal para significar Jesus Ressuscitado (cf. Lc 7,13.19; 10,1.39.41; 11,39; 12,42; 13,15; 16,8; 17,5-6; 18,6; 19,8; 22,31.61; 24,3). O título revela o conflito do Senhor da história com os senhores deste mundo.

No tempo do imperador de Roma, Nero (54-68 a.C) e, mais tarde, com Domiciano (81-96 a.C), os cristãos sofreram duras perseguições porque para eles o Senhor da história não era o imperador mas Jesus ressuscitado. Na época em que todos tinham que aceitar o imperador como dono de tudo o anjo deu a boa notícia aos pastores: hoje nasceu para vocês um salvador, que é o Senhor (cf. Lc 2,11). Jesus ressuscitado, vivo na vida das comunidades é realmente o Senhor da história, o mesmo que nasceu pobre, sem defesa, sem exércitos. João Batista, em meio a tantos chefes poderosos e opressores anunciava a chegada de uma nova soberania, bem diferente dos soberanos existentes (cf. Lc 3,15-20).

b-Jesus é o Salvador do mundo (Lc 2,11)

Jesus mostra a sua ação salvadora na expulsão de demônios (cf. Lc 4,33-37; 4,41; 7,21; 8,26-39; 9,37-43; 11,14; 13,10-17) (cf. CASALEGNO, 1997, p.75-86). O demônio é todo aquele que mantém doente as pessoas (cf. Lc 13,11), as domina e as amarra (cf. Lc 13,16). O demônio agarra, ataca, sacode as pessoas (cf. Lc 9,39.42). O domínio do demônio não é só físico ou somente sobre alguns indivíduos. Ele está presente nas leis injustas, na organização desigual da sociedade, na ideologia do poder do império que domina e controla tudo (cf. Lc 2,1-2; 3,1-2). Tudo o que é contra o projeto de Jesus, que é um projeto de vida e liberdade para todos, é obra do mal. O mesmo Jesus certa vez lembrou: "Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus chegou para vocês" (Lc 11,20). Jesus, ao expulsar os demônios, tornava as pessoas livres, normais, com perfeito juízo (cf. Lc 8,35).

A ação salvadora de Jesus é oferecida a todos. O que exigia, era conversão e adesão como no caso de Zaqueu, o chefe dos cobradores de impostos (cf. Lc 19,1-10). Jesus teve uma atenção especial para com os excluídos, os samaritanos tachados de pagãos pelos judeus (cf. Lc 17,11-17; 10,33-37). A salvação é vida nova por dentro e

por fora. É vida cheia do Espírito de Deus (cf. 3,16). Em Jesus é revelada a realização da salvação prometida por Deus (cf. Lc 1,47.69.77; 3,6; 19,9).

c-Jesus e sua missão de libertar os pobres, os oprimidos e marginalizados

No início do seu ministério, quando entrou na sinagoga de Nazaré (cf. 4,14-21), Jesus disse claramente que o Senhor o ungiu e o enviou para libertar os pobres das cadeias. A cura de uma mulher encurvada, incapaz de se endireitar, é símbolo da ação libertadora de Jesus, de todo tipo de humilhação e opressão (cf. Lc 13,10-13). Jesus tinha certeza que sua missão libertadora é a missão que o Pai lhe tinha confiado (cf. 3,22; 4,18). Jesus veio proclamar o ano da graça do Senhor. Conforme as Escrituras (cf. Lv 25,8-17), no ano jubilar eram perdoadas todas as dívidas e as terras eram redistribuídas e devolvidas aos sem terra. Os escravos recuperaram a liberdade. A ação libertadora de Jesus foi sempre em favor: primeiro, dos pobres (cf. 14,15-23; 16,19-31); segundo, dos pecadores (cf. 5,27-32; 18,9-14); terceiro, dos samaritanos (cf. 9,5a1-56; 17,11-19); quarto, das mulheres (cf. 4,38-39; 7,11-17; 7,36-50; 8,1-3; 8,43-56).

d-Jesus é o profeta de Deus

O povo vendo a prática de Jesus glorificava a Deus dizendo: "Um grande profeta apareceu entre nós, e Deus veio visitar o seu povo" (Lc 7,16). Os discípulos, que conviveram com ele, consideravam-no como um profeta poderoso em ação e palavra (cf. Lc 24,19).

Lucas apresenta Jesus como o novo profeta Elias (cf. comparar Lc 7,12.15 com 1Rs 17,17-24; Lc 9,54 com 2Rs 1,10-12; Lc 9,61-62 com 1Rs 19,19-21; Lc 22,42-44 com 1Rs 19,4-7; Lc 24,50 com 2Rs 2,11). Como Elias foi um profeta defensor dos pobres (cf. 1Rs 21,17-24), que viveu uma grande intimidade com Deus (cf. 1Rs 19,1-18), mas também foi perseguido (cf. 1Rs 19,1-3); Jesus também foi o defensor dos pobres. Incompreendido e até desprezado pelos próprios conterrâneos viveu uma profunda comunhão com o Pai na oração e na ação.

Os que defendiam leis e situações injustas, acusavam Jesus de pecador, de comilão, de agitador de blasfemo (cf. Lc 5,30; 15,1s; 23,1s; 22,71); mas o povo simples que esperava e clamava por libertação, o considerava um profeta (cf. Lc 2,30-32; 2,38; 3,16-17; 7,16; 24,19).

2.2 O caminho de Jesus, caminho dos discípulos

A palavra “caminho” aparece na anunciação do nascimento de Jesus (cf. Lc 1,17), no relato do nascimento (cf. Lc 1,76) e na atuação pública de João Batista (cf. Lc 3,4). Igualmente aparece o verbo caminhar. Maria pôs-se a caminho para uma cidade de Judá e visitou Isabel (cf. Lc 1,39). Os pais de Jesus vão a Jerusalém todos os anos para a festa da páscoa (cf. Lc 2,41). Estas indicações são indícios da perspectiva teológica do “caminhar”, própria do terceiro evangelho (cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2013, p.16-17). A caminhada é tema predileto de Lucas e ocupa grande parte na estrutura teológica do Evangelho (cf. Lc 9,51—19,27). O verbo “ir” (passar, caminhar) aparece 51 vezes no Evangelho e 37 vezes em Atos. Jesus se apresenta em movimento para Jerusalém e na caminhada coloca exigências aos discípulos e missionários (cf. Lc 9,57-62; 10,4). No exemplo de Marta e Maria (cf. Lc 10,38-42) mostra que a Bem-aventurança está em ouvir a Palavra de Deus e por em prática (cf. Lc 11,28). O “fazer”, como a obra de misericórdia do bom Samaritano (cf. Lc 10) não se opõe ao “orar” do levita e do sacerdote na liturgia (cf. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2013, p.24). Jesus na sua caminhada dá exemplo de quem fala e ensina pela palavra (cf. Lc 11,5; 12,1; 13,22). Jesus é homem de ação (cf. Lc 13,10-13; 14,1-6) e oração (cf. Lc 11,1). Os discípulos são também missionários enviados diante dele (cf. Lc 10,1) e na experiência missionária com Jesus são formados (cf. Lc 10,17-20). Após a ressurreição em Jerusalém os discípulos recebem o Espírito e devem continuar a caminhada e tornam-se testemunhas na Judéia, na Galiléia, Samaria e até os confins do mundo (cf. At 1,8). Portanto, a missão é universal. Essa idéia é reforçada na relação entre “ser elevado” no início da caminhada (cf. Lc 9,51) e “ser arrebatado” no final da missão de Jesus no momento da ascensão (cf. At 1,2,22). Além da idéia de universalidade esta relação indica a idéia de totalidade da entrega da pessoa de Jesus. A vida de Jesus se plenifica na missão. Ele é elevado ao céu porque dedicou sua vida ao projeto da salvação cumprindo uma etapa da história da salvação. Assim a plenitude dos dias da sua exaltação (cf. Lc 9,51) significa também o coroamento de uma vida totalmente dedicada durante sua trajetória terrestre. Na morte ele entrega o Espírito ao Pai e depois da ressurreição é elevado à vista dos discípulos (cf. At 1,9). Porém antes

disso promete aos discípulos o dom do Espírito Santo para continuarem a missão. Jesus caminha com os discípulos de Emaús e interpreta-lhes as Escrituras. A Palavra se torna vida quando seus olhos se abrem ao partir o pão (cf. Lc 24,13-35). Doravante segundo os Atos, é a Palavra que fará sua caminhada, no testemunho dos de novos discípulos missionários, além das fronteiras de Israel (cf. At 8,26-40). O caminho passa a significar a doutrina (cf. At 18,26) como também o grupo daqueles que seguem Jesus (cf. At 9,2; 19,9; 22,4).

2.3 A bondade e compaixão de Jesus

Na pessoa de Jesus de Nazaré se realizou a plena misericórdia do Pai, porque ele assumiu a causa dos necessitados e dos marginalizados de forma totalmente livre e gratuita. De fato os preferidos de Jesus foram pessoas vítimas do poder que criava uma situação de exclusão e opressão: os doentes (cf. Lc 4,40; 14,21-24), os pobres, os famintos (cf. Lc 6,20-22; 16,19-31), os pecadores (cf. Lc 18,13-14), os pagãos (cf. Lc 7,1-10), as crianças (cf. Lc 18,15-17; 9,46-48).

A misericórdia de Deus Pai dura de geração em geração (cf. Lc 1,50.54-55). Jesus aprendeu do Pai o caminho da misericórdia. Diante do drama da viúva de Naim que perdera o único filho, ele foi movido de compaixão aproximou-se e devolveu o filho vivo a sua mãe. Na parábola do Bom Samaritano ensinou que o mandamento do amor acontece nos gestos de compaixão. Amar o próximo é fazer o mesmo que o Samaritano fez: aproximou-se de quem estava caído e abandonado e prestou socorro (Lc 10,29-37).

Para Zaqueu que era chefe dos publicanos e que havia se arrependido Jesus diz: “Hoje a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9). Zaqueu mostrou-se disposto a reparar os danos ao próximo e fazer obras de conversão distribuindo parte de sua riqueza aos pobres (cf. Lc 19,8). Esta disposição e propósito foi um sinal que Jesus tocou seu coração. Ficou claro que o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido (cf. Lc 19,10) As parábolas da ovelha perdida, da drácula perdida, e do Pai pródigo (cf. Lc 15) mostram que Jesus veio revelar a misericórdia do Pai. Jesus quer a salvação de todos e que ninguém se perca. Perder uma ovelha é como se houvesse perdido tudo. Por isso o pastor deixa as noventa e nove em segurança e vai a procura da ovelha perdida. O

encontro e recuperação de quem estava perdido é motivo de festa nas três parábolas. Com efeito “Há alegria dos anjos de Deus por um só pecador que se arrependa”(Lc 15,10). As tres parábolas estão vinculadas com o verbo “perder”. As três focalizam o empenho para encontrar o perdido e a reação de alegria no reencontro. Portanto a misericórdia do Pai foi sempre o critério radical e que orientou o ensinamento e a prática de Jesus. Não se entende Jesus, sem essa referência ao Pai.

2.4 Jesus, uma pessoa de muita ação e de muita oração

Jesus viveu uma vida muito ativa (cf. Lc 4,42-43). Andava apertado pelas multidões que queriam segui-lo, ouvi-lo (cf. Lc 5,1-3; 5,17.17). Ao mesmo tempo Jesus foi uma pessoa de muita oração. Jesus rezava junto com os outros, mas também sozinho. Participava dos cultos nas sinagogas em dia de sábado (cf. Lc 4,16-20.28-30; 6,6-11; 13,10-17). Durante as grandes festas religiosas esteve em Jerusalém (cf. Lc 2,42-50; 22,1-13). Jesus rezava no silêncio em lugares desertos, de noite, de madrugada (cf. Lc 3,21; 4,42; 5,16; 6,12; 9,18-28; 10,21; 11,1; 22,31s; 22,39-46). Jesus viveu uma profunda comunhão com o Pai. Quanto mais atividade era intensa, Jesus se retirava para lugares desertos, a fim de rezar (cf. Lc 5,16). Jesus rezava sobretudo nos momentos quando era preciso tomar decisões importantes (cf. Lc 3,21; 6,12; 9,28; 22,41-42; 23,46). Nesses momentos a fidelidade e a comunhão com o Pai eram para Jesus algo absoluto e fundamental. A prática de Jesus sempre foi uma consequência de sua fidelidade com o Pai. Jesus rezava e também não se calava diante das manipulações da oração. Condenou duramente a oração hipócrita dos fariseus (cf. Lc 18,9-14). Certo dia numa sinagoga, durante o culto, Jesus com toda atenção carinhosa curou uma mulher encurvada e ficou furioso, ao ver um culto sem ligação com a vida sofrida do povo (cf. Lc 13,10-16). Convidou os discípulos a rezarem com insistência (cf. 18,1) e com confiança (cf. 11,5-13). Na oração do Pai Nosso. Jesus assumiu todas as dores e as aspirações do povo. Apelou para a santidade do Pai, para que interviesse em favor do povo, suplicando a vinda do reino do Pai (cf. MOSCONI, 1991, p. 34-35).

Em síntese, esse é Jesus em quem cremos: Jesus de Nazaré é o salvador do mundo, Filho de Deus, o Libertador dos pobres e dos marginalizados, o Senhor da história. Nele se revela a misericórdia do Pai no meio do povo.

2.5 Sugestões para o estudo de Lucas

Podemos estudar o Evangelho com algumas perguntas chaves para entender a missão de Jesus. Seria muito sugestivo ler todo o Evangelho de Lucas, com essas perguntas:

De quem Jesus se aproxima? De que classe e posição social são as pessoas? O que Jesus faz? O que diz às pessoas? Que imagem de Deus é revelada no decorrer da narração? Ler fazendo anotações e no final tirar algumas conclusões sobre a mensagem de Lucas para os tempos atuais. O texto do Evangelho também pode ser dividido em várias partes e se pode fazer perguntas apropriadas a cada parte.

Lembremos os passos metodológicos da interpretação popular no próprio Evangelho: Lc 24,13-35 (cf. Um roteiro muito semelhante em At 8,26-40). Em primeiro lugar Jesus se aproxima, caminha com os discípulos, pergunta pela vida deles, depois interpreta as Escrituras. Eles passam a ter um olhar diferente a partir do encontro com Jesus. Porém, para a mudança de olhar e para reconhecer Jesus não basta a Bíblia. A Bíblia aquece o coração; mas, é a partilha que leva a abrir os olhos como explica fr.Carlos Mesters nos seus cursos bíblicos. Nos Atos dos Apóstolos a comunhão fraterna e a partilha dos bens para suprir as necessidades da comunidade era a marca da identidade dos cristãos (cf. At 2,42-47; Lc 4,32-35). E o exemplo deles cativava os gentios. O início da pregação de João Batista e de Jesus é precedido de informações de tempo e da situação política (cf. Lc 3,1-22) Esta é a situação que deve ser iluminada e transformada mediante a nova prática dos cristãos iluminada pela Palavra e pela experiência do encontro com Cristo Ressuscitado. Como Jesus interpretou as Escrituras enquanto os discípulos caminhavam, assim os discípulos e missionários, precisam estar próximos da comunidade para interpretar a Palavra, para reconhecer nos irmãos a presença de Cristo mediante o olhar da Fé. A consequência desta interpretação que liga a Palavra com a Vida é o surgimento de relações mais fraternas baseadas na solidariedade, no amor e no serviço. O novo olhar reconhece o Cristo presente na comunidade que caminha e faz a experiência de Deus no serviço fraterno, como o Senhor ensinou: “O que fizeres a um desses irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). A exortação a misericórdia é a mensagem central do discurso da planície em Lucas: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso”(Lc 6,36).

Outra forma de estudar o Evangelho é por chaves teológicas das temáticas mais comuns de Lucas:

a-O Espírito Santo

Lc 1-2; 3,16-22; 4,1.14-18; 10,21; 11,13; 12,10-12

Atos 1,2.5.8.16; 2,4.17-18.33.38; 4,8.25.31; 7,51.55; 13,2.4.9.52; 15,2.4.9.52; 15,8.28; 16,6.7.

-Como é caracterizada a presença e ação do Espírito Santo na vida de Jesus?

-Compare a ação do Espírito Santo nos textos do Evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos.

b-A missão em favor dos pobres e pequenos

Lc 4,18-19; 6,20; 7,21-22; 10,21; 14,13-14.21; 16,19-26; 18,22-23; 21,1-4.

-Que categorias de pobres aparecem?

-O que Jesus fez ou ensinou diante da realidade da pobreza?

c-Pecadores, Samaritanos, Pagãos

Lc 5,29-32; 7,34-39; 15,1-10; 18,13; 19,7; 23,1-10; 24,46-56; 24,13-14.

-Qual a prática de Jesus diante destas categorias de pessoas marginalizadas?

-Qual a sua proposta para iluminar nossa vivência cristã e nossa prática pastoral?

d- A presença e atuação das Mulheres na missão de Jesus

Lc 4,38-39; 7,11-17; 8,1-3; 8,43-48; 10,38-42; 13,11-13; 18,1-8; 23,27-31; 24,1-38; 24,39-45; 24,49-51.

-Qual a situação das mulheres nos textos;

-Como foi o relacionamento de Jesus com as mulheres?

-Qual o papel das mulheres no Evangelho de Lucas?

-Qual o papel de Maria mãe de Jesus e seu testemunho no Evangelho de Lucas?

e-Oração

Lc 3,21-22; 4,1.42; 5,16; 6,12; 9,18-21; 9,28-36; 11,1-13; 21,36; 22,31-34; 22,41-43.

- Em que momentos importantes de sua vida Jesus reza?
- A partir do exemplo de Jesus e seus ensinamentos que conclusões podemos tirar para nossa prática de oração?

f-Alegria

Lc 1,14.28.41-44.47; 2,10; 6,22-23; 8,13; 10,17-23; 13,17; 15,1-32; 24,52-53.

- Quem se alegra?
- Que situações e fatos causam alegria?
- Tirar conclusões sobre a alegria evangélica.

g-Conversão

Lc 3,7-14; 5,29-32; 13,1-5; 10,25-28; 15,1-32; 19,1-10; 23,39-43; 24,47.

- O que é conversão e quais os sinais de conversão no Evangelho?
- Quais as exigências para a conversão, apresentadas pelo Evangelho?

h-Salvação

Lc 1,67-71; 2,11; 4,21; 19,9; 23,43; 12,35-48; 17,22-37; 18,8; 19,11-27; 21,5-36.

- O que significa o "hoje" da salvação?
- Que atitudes o Evangelho exorta a termos diante da vinda do Senhor?

i-Caridade cristã e a esmola

Lc 6,27-42; 10,25-37; 17,3-4; 11,41; 12,33; 16,9; 17,3-4; 18,22; 19,8.

- Quais as características da caridade evangélica nestes textos?
- Comente a relação entre esmola e caridade evangélica no texto.

j-Os contrastes sociais

- Lc 1,51-53;
- Lc 3,10-14 (notar as diferenças com Mt 3,1-12);
- Lc 6,20-26 (notar as diferenças com Mt 5,1-12);
- Lc 16,19-21; 21,1-4;
- Que tipos de contrastes sociais aparecem nos textos?

- Qual a situação das pessoas que aparecem no texto?
- Qual o projeto de Jesus que é apresentado?
- Comentar alguns contrastes sociais de hoje que precisam ser eliminados.

Considerações finais:

Primeira: Lucas é o Evangelista que mais fala da salvação. A palavra “hoje” tem um lugar de destaque e quase sempre acompanha a palavra salvação: “Nasceu-vos hoje um Salvador” (Lc 2,11), “hoje a Salvação entrou nesta casa”(Lc 19,9). Assim o autor lê a Escritura e atualiza no “hoje” a Salvação para aqueles que acolhem Jesus. (GEORGE, 1982, p.83). Ele veio para os pobres, os pequenos, os pecadores. Com sua prática e sua pregação Jesus se revela o salvador que realiza as esperanças de mudança para que os cegos vejam, os coxos andem, os surdos ousam, os mortos ressuscitem e os pobres sejam evangelizados (cf. Lc 7,22). Lucas de fato apresenta Jesus como o cumprimento da salvação prometida nos profetas (cf. Lc 4,21 com Is 58,6; 61,1-2; Lc 7,18-23 com Is 26,19; 29,18-20; 35,5-6; 61,1) e que é recebida pela pura misericórdia, pelo reconhecimento do próprio pecado e não pelos próprios méritos (cf. Lc 13,1-9; 14,1-24; 15;). Por outra parte Jesus vai ao encontro dos gentios como verdadeiro salvador, pois a salvação é oferecida a todos (cf. At 2,39) basta que se arrependam para receber o perdão dos pecados. O projeto de Jesus é realizar a esperança que um dia “toda carne verá a salvação de Deus” (Lc 3,6) (cf. MONASTÉRIO; CARMONA, 1994, p.325).

Segunda: Deus não está alheio à situação do povo. Ele veio visitar o seu povo, trazer a salvação. Visitou a casa de Zaqueu, acolheu o pedido do Centurião por seu servo doente, fez refeição com os pecadores, foi ao sepultamento do filho da viúva de Naim e lhe devolveu a vida, acolheu os dez leprosos que vieram a seu encontro, as crianças disse que delas é o reino dos céus. Lucas revela Jesus em oração especialmente em momentos importantes, como no batismo, antes da escolha dos discípulos, antes do ensino do Pai Nosso. Por sua união com o Pai ele revela gestos de nobreza, humanidade, e profunda compaixão. Ele orou por si (cf. Lc 22,41-42) e pelos inimigos (cf. Lc 23,34) Tão humano assim, só pode ser divino! Jesus revela que Deus visitou seu povo e trouxe uma grande alegria. O anúncio do seu nascimento é boa nova que traz

alegria. A alegria da salvação é celebrada, como se expressa nos hinos e cânticos no Evangelho: “Minha alma se alegra no Senhor”, “Bendito seja o Senhor Deus de Israel porque visitou o seu povo e o libertou e suscitou um poderoso salvador na casa do seu servo Davi”(Lc 1,68-69). Em especial as parábolas da misericórdia mostram que Deus se regozija com o arrependimento e conversão dos pecadores.

Terceira: Jesus confiou uma missão aos discípulos, aos doze, aos setenta e dois para pregarem, para que a Palavra fosse anunciada. O programa de Jesus é anunciar a boa nova aos pobres e proclamar o ano da graça do Senhor. Desde o batismo ele é ungido e o Pai o apresenta como seu Filho e o investe para a missão. Ele recebe o Espírito como todos os profetas para ser o portador da Palavra de Deus (cf. Lc 4,18). Mas, Jesus é mais que um profeta, porque sua mensagem é a boa nova definitiva, boa nova, cujo conteúdo é ele mesmo (cf. GEORGE, 1982, p. 23). Os discípulos fizeram a experiência do encontro com Cristo Ressuscitado, superaram o escândalo da cruz com o auxílio das Escrituras, e a partir de então foram anunciar aos outros a boa nova (cf. Lc 24,13-35). Das palavras do Ressuscitado na noite da páscoa, Lucas colheu o essencial da mensagem cristã: Paixão e Ressurreição de Cristo anunciadas nas Escrituras (cf. Lc 24,46; At 2,23-32; 3,15-16), conversão para o perdão dos pecados (cf. Lc 24,47; At 2,38; 3,9), os apóstolos são testemunhas (cf. Lc 24,48; At 1,22; 2,32; 3,15), o Espírito é dado às testemunhas para cumprirem esta missão (Lc 24,49; At 1,4-5; 2,33).

Quarta: o Evangelho de Lucas traz ricos ensinamentos sobre a misericórdia. Para todos é a exortação: “sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso”(Lc 6,36) Com efeito “sua misericórdia perdura de geração em geração”(Lc 1,50) A parábola do Pai pródigo revela o quanto Deus é compassivo e pródigo em misericórdia. A parábola do bom samaritano ensina que a compaixão deve fazer parte da prática. O seguidor de Jesus é exortado a fazer o mesmo que o samaritano fez com o coração cheio de compaixão. Este é o grande mandamento de amar o próximo, nas atitudes de compaixão, que aproxima as pessoas e estabelece relações novas.

Referências

BOVON, F. *El Evangelio Según San Lucas I* (Lc 1,1—9,50). Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Mês da Bíblia 2013: Discípulos missionários a partir do Evangelho de Lucas*. Edições CNBB, 2013.

CASALEGNO, A. Exorcismo, evangelização e Reino nos Escritos Lucanos. *Estudos Bíblicos*, n.39, 1997, p.75-86.

FITZMEYER, J. *El Evangelio segun Lucas: Introducion General*. Madrid: Cristiandad, 1986.

FUSCO, V. L. Luca In: *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*: a cura di Pietro Rossano, Gianfranco Ravasi, Antonio Guirlanda. Edizioni Paoline: Roma, 1989. p.847-851.

GEORGE, A. *Leitura do Evangelho segundo Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1982 (Cadernos Bíblicos, n.13).

KUMMEL, G. W. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas 1982.

MARGUERAT, D. (org.) *Novo Testamento: História, Escritura, Teologia*. São Paulo: Loyola, 2009.

MONASTÉRIO, R. A.; CARMONA, A. R. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave Maria, 1994.

MORRIS, L. *Lucas. Introdução e comentário*. S.Paulo: Edições: Vida Nova, 1983. (Cultura Bíblica).

MOSCONI, L. *Leitura Segundo Lucas*. Edição do Cebi: São Leopoldo, 1991 (Coleção: A Palavra na Vida).

SABOURIN, L. *L'Evangile de Luc, Introduction et commentaire*. Ed. Pontificia Universidade Gregoriana, 1987.

SPINETOLI, O. *Luca*. Assisi: Cittadella Editrice, 1986.

Artigo recebido em 18.08.2013
Artigo aprovado em 09.09.2013